

“A interpretação das culturas: festejando os 35 anos”. 2008. *Cadernos de campo* 16(16): 281-286.

Claudia Fonseca

Em 2008, por ocasião dos 35 anos do lançamento do livro *The Interpretation of Cultures* (apelidado de TIC em inglês) e trinta anos do lançamento no Brasil da versão em português (com nove dos quinze capítulos originais), fui convidada pelos editores da *Cadernos de Campo* a escrever uma resenha. Entretanto, a morte recente do autor havia fatalmente de mudar a postura da resenhista. Entendi então que a resenha seria também um momento para homenagear Clifford Geertz, aquele grande homem que tanto marcou a antropologia norte-americana (e, provavelmente, a antropologia mundial¹) da segunda metade do século XX.

Ao rever algumas matérias entre o imenso volume de textos escritos por e sobre esse pensador, duas coisas chamaram minha atenção. Em primeiro lugar, me dei conta de que Geertz – esse gigante intelectual que se tornaria o pai espiritual de uma geração de novos antropólogos – não era professor. Diferentemente dos autores clássicos que o precederam (Boas e Malinowski se destacam entre os grandes mestres que, pessoalmente, formaram dezenas de discípulos), Geertz passou pouco tempo de sua vida dando aulas ou orientando estudantes. Durante seus dez anos na Universidade de Chicago, em cuja reformulação do currículo seu papel foi fundamental, Geertz foi liberado da maior parte das obrigações de ensino e formou poucos doutores².

Essa falta de experiência didática torna-se relevante quando olhamos para o estilo dos textos de Geertz, um estilo cheio de insinuações e piscadelas, que, como lembra Peirano (1990), não é para neófitos. Nesse sentido, quem procura no famoso capítulo metodológico “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” um substituto para a “Introdução” aos *Argonautas do Pacífico Ocidental* muito provavelmente terá suas expectativas frustradas. Elizabeth Colson expressa essa idéia de outra forma em uma resenha de 1975 sobre *A interpretação das culturas*:

A antropologia [de Geertz] é uma arte, não uma ciência. Portanto, em geral, seu trabalho não fornece um modelo a ser seguido por outros antropólogos ou sociólogos de menor talento, já que ele trabalha a partir de uma apreensão intuitiva daquilo que é importante e chega à sua conclusão com tamanha fanfarra que esconde o tédio dos procedimentos. (Colson apud Swidler 1996: 299)³

Uma segunda impressão, reforçada por cada nova leitura, é que Geertz não tinha uma identidade disciplinar rotineira. É notável como ele insistiu na heterogeneidade de

¹ Conforme o site Hypergeertz (<http://hypergeertz.jku.at/>), o livro (ou parte dele) foi traduzido para mais de quinze línguas. Entre as principais línguas européias, só faltaria a tradução para o francês.

² Entre estes, Sherry Ortner confessa ter tido poucos encontros com seu orientador, pois sempre um deles estava realizando pesquisa de campo (Ortner, 1999: 12).

³ Quando a obra citada é em inglês, a tradução para o português foi feita por mim.

conhecimentos de sua formação. Queria, desde o início, ser escritor profissional. Depois de estudar letras e filosofia na graduação, ele foi para Harvard onde faz um doutorado em antropologia. Diz ter escolhido essa disciplina por causa da promessa de liberdade “para fazer qualquer coisa e chamá-la antropologia” (1991: 603). O que ele mais sublinhou dos seus dias em Cambridge é seu envolvimento no Departamento de Relações Sociais com o “Projeto” multidisciplinar (junto com Parsons, Allport, Bruner, Inkeles, Moore e outros) de construir uma língua comum para as ciências sociais. Saindo de Harvard, passou um ano no Center for Advanced Studies in the Behavior Sciences (Stanford University) e outro dando aulas em Berkeley (sede de Kroeber), antes de se mudar para Chicago, onde seu foco principal, mais uma vez interdisciplinar, seria o Committee for the Comparative Studies of New Nations.

É interessante que, em uma das únicas citações em que reconhece sua filiação a um mentor antropólogo, Geertz o faz para sublinhar a resistência de seu professor às limitações disciplinares:

[...] Nunca estive plenamente feliz quando [me encontrava] totalmente circunscrito à “profissão” de antropologia, que, tal como meu professor, Clyde Kluckhohn, eu considero, antes de tudo, como uma licença para invadir terrenos alheios. (1988: 14)

De fato, tem-se a impressão de que só nos primeiros anos depois de se doutorar Geertz se comportou de forma mais ou menos esperada, desenvolvendo monografias sobre os novos Estados nacionais, alvo das atenções acadêmicas de então. Depois de sua chegada ao Institute for Advanced Study em Princeton (onde, na época, não havia nenhum estudante, nem outros antropólogos), ele se mostrou pronto para assumir seu “caso” com as demais humanidades. Cansado de ser lido só pelos “especialistas” (lê-se antropólogos? cientistas sociais?), ele resolveu juntar determinados artigos para esclarecer sua orientação intelectual e, com isso, atrair uma platéia acadêmica mais ampla (Geertz, 1988). Em 1973, é publicado *The interpretation of cultures*, que lhe permitiu Geertz consolidar suas conquistas justamente entre historiadores, filósofos e estudantes de crítica literária. Os próximos livros, especialmente *Local knowledge, Works and lives*, aproximariam Geertz – e a antropologia que ele construía – cada vez mais dessa interlocução com as humanidades. Sua popularidade entre antropólogos norte-americanos parece ter sido alimentada, entre outros fatores, pela enorme admiração de que gozava entre intelectuais de outras áreas. E, para estes, Geertz se tornou, apesar de seus constantes protestos quanto à falta de ortodoxia de sua formação, o antropólogo paradigmático.

Geertz, é claro, era antropólogo, em primeiro lugar, por causa de sua preocupação, mais clara no início do que no fim da carreira, com o esclarecimento do conceito de cultura. Essa fatia das ciências sociais tinha sido conferida à antropologia por Parsons, e durante décadas seria sinônimo do ramo predominante da antropologia norte-americana. Tendo trabalhado como assistente de pesquisa para a confecção do livro *Culture* (1952) por Kroeber e Kluckhohn, Geertz não poderia ter deixado de participar, nos seus próprios termos, desse debate. E, como sabemos, foi sua versão, essa “redução do conceito de cultura a uma dimensão justa” que acabou vingando.

Evidentemente, a intenção de Geertz não era simplesmente introduzir uma maior precisão, mas sim modificar de cabo a rabo o empreendimento antropológico. Por um lado, criticava a amplidão dos tradicionais departamentos (“os quatro campos”) da antropologia norte-americana; por outro, lamentava a estreiteza de seus contemporâneos que só queriam ler antropologia (Handler, 1991). Para elaborar os pormenores da análise cultural, Geertz recorria e conclamava seus colegas de disciplina a se abrir para influências de pensadores de outras áreas, em particular, da crítica literária e da filosofia.

Geertz era antropólogo, em segundo lugar, porque seus embates teóricos, particularmente no TIC, são construídos à base de discussões na antropologia, em confronto com os paradigmas “um tanto esgotados” daquela época – antropologia psicocultural, antropologia evolucionista e, do lado britânico, o estrutural-funcionalismo (Ortner, 1995: 373) –, e com os menos esgotados – o capítulo 13, crítica contundente à obra de Lévi-Strauss, é um dos seis capítulos suprimidos da edição em português.

Os artigos do TIC tratam problemas clássicos da disciplina: o debate entre natureza e cultura, a noção de pessoa, identidade étnica, processo ritual etc. Nos capítulos mais recentes, e, em particular, naqueles que foram reeditados na versão reduzida do livro em português, Geertz citou os “pais fundadores” mais para criticá-los do que para expressar uma filiação. Anunciava assim o estilo agonístico que marcaria toda a sua obra⁴. Dessa forma, reforçava a sensação de que era pioneiro no campo, espécie de *enfant terrible* que tinha conseguido forjar inovação apesar de todas as forças antagônicas. Mas outra leitura desse período pode sugerir que o gênio de Geertz foi captar os novos ventos (inclusive na antropologia) e apresentá-los de forma consolidada.

Observadores como Ann Swidler (1996) comentam que o primeiro e o último capítulo do livro, “Uma descrição densa...” e “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”, seus produtos mais recentes de então⁵, passariam a ser emblema de uma nova antropologia interpretativa. Mas essa “novidade” não surgiu do nada.

Podemos traçar um elo entre a “revolução” desencadeada por “Uma descrição densa” e, do outro lado do Atlântico, os últimos artigos de Evans-Pritchard, em que o antropólogo britânico anuncia uma virada da antropologia para as humanidades. Certos trechos de “Social anthropology, past and present” (Evans-Pritchard, 1962 [1950]), não fossem eles escritos vinte anos antes, pareceriam citações ou, no mínimo, paráfrases de Geertz. À questão “O que faz o antropólogo?”, prelúdio de uma discussão metodológica, segue a resposta: “ele traduz”, ele torna uma sociedade “culturalmente e sociologicamente inteligível” (Evans-Pritchard, 1962: 148). O antropólogo vai para o outro lado do mundo, aprende a língua daquele povo, seus conceitos e valores, e, quando volta para casa, experimenta tudo de novo, crítica e interpretativamente, nas categorias conceituais e nos valores de sua própria cultura (e disciplina). “Nesse nível a antropologia social continua sendo uma arte literária e impressionista” (*idem*: 148). Nesses termos, a teoria funcional

⁴ Esse estilo parece expressar o espírito do estudante e veterano de guerra que Geertz descreve no seu autorretrato: “a nunca mais aceitar que nada lhe[s] fosse imposto por ninguém, sob nenhum pretexto” (Geertz, 2001: 17).

⁵ Apenas quatro dos quinze capítulos foram publicados depois da chegada de Geertz ao Institute for Advanced Study em Princeton, onde não estava mais submetido às exigências de um “departamento” disciplinar.

de Malinowski, “apesar das vastas pretensões do autor, era pouco mais do que uma estratégia literária” (*idem*: 145-6). E quem não veria as sementes de uma antropologia interpretativa no célebre enunciado de Evans-Pritchard de que a vocação da antropologia é centrar-se no estudo de sociedades em termos de sistemas morais e não em sistemas naturais, em padrões e não em leis científicas, e em interpretações em vez de explicações (*idem*: 152, ênfase minha). Procura-se em vão uma referência a esse artigo em “Uma descrição densa...”. Tampouco aparece explicitado no texto de Geertz qualquer tributo a um elo possível, por exemplo, por meio de Kroeber, muito citado por Evans-Pritchard nessa fase, ou Kluckhohn. Mas, ao construir uma leitura, preencher as lacunas desse texto “estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”⁶ que é a obra de Geertz, não é difícil discernir sua genealogia e herança intelectual antropológica.

Geertz era antropólogo, antes de tudo, porque fazia e, mesmo depois de largar “o campo”, continuava a enfatizar a etnografia. Tendo ficado mais de dez anos em campo, ele passaria os trinta anos seguintes “tentando comunicar os encantos [do campo]” para a linguagem escrita (2001: 26). Anos de trabalho em Java, Bali e Marrocos – precedidos das devidas aulas em indonésio e árabe – foram traduzidos para textos que convenceram jovens da antropologia que “estar lá” valia largamente a pena. De que outra forma teríamos acesso à “ação simbólica”, tão central à proposta de Geertz? Sua rejeição de perspectivas tanto cognitivistas (*privacy*⁷ *theories of meaning*) quanto estruturalistas (que produziam “representações impecáveis de ordem formal em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar” (Geertz 1989: 28) colocava novamente em relevo o verdadeiro objeto da análise cultural: “a lógica informal da vida real” (*idem*: 27), *the ongoing pattern of life*⁸. O método etnográfico, com sua ênfase na observação do fluxo de comportamento – “ação social”, Geertz nos lembra – era o método por excelência para acessar essa lógica.

Ao abraçar a causa da etnografia, Geertz fornecia uma defesa também do método qualitativo. A verdadeira contribuição do antropólogo à teoria social viria da especificidade complexa, da circunstancialidade de seus dados – material produzido por

[...] um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados. (Geertz 1989: 33)

Por esse viés, o pesquisador traria uma realidade concreta aos mega-conceitos, permitindo seu uso em um sentido caro ao espírito de Geertz: criativa e imaginativamente. Notamos que esse elogio ao particular seria agarrado, além de antropólogos, por estudantes de outras áreas, em particular, a história social, para defender um novo estilo que aflorava nos anos 1980. Aqui, as generalidades que

⁶ Geertz, 1989: 20.

⁷ Geertz, 1973: 12. Uso citações da versão do TIC em inglês em lugares onde a versão em português me parece inexata.

⁸ Geertz, 1973: 17.

interessam são as que surgem da delicadeza das distinções, não da amplidão das abstrações (*idem*: 35).

A proposta para uma “nova” antropologia esboçada no TIC não era somente interessante, era, nos termos daquela época, relevante. Na década de 1960, os Estados Unidos estavam em plena guerra com o Vietnã. Nesse clima, estudar os nativos do outro lado do mundo para compilar a grande enciclopédia da ciência positivista parecia altamente suspeito. Ao centrar-se na dimensão semiótica da cultura, Geertz trazia uma nova justificativa ao empreendimento acadêmico: queremos entender o ponto de vista do nativo não simplesmente para falar “de”, nem sequer “pelo” nativo mas para falar “com” ele. O elemento auto-reflexivo que ocuparia tanto espaço nos escritos posteriores de Geertz ainda não se destacava no TIC, mas sua maneira de descrever o conflito social em termos de uma “confusão de línguas” introduzia o observador ocidental como “um interlocutor entre outros” no diálogo. E, em ensaios posteriores, como “Anti anti-relativismo” e “Os usos da diversidade”, o intuito político dessa postura tornou-se cada vez mais claro.

Contudo, as críticas ao trabalho de Geertz, como dizem vários resenhistas, são muitas. O antropólogo britânico Adam Kuper (1999), mostrando impaciência com os excessos do viés norte-americano, argúi de forma convincente que a análise cultural de Geertz não daria conta da complexidade de eventos políticos da época. A ênfase em saberes locais não abriria espaço para a relevância de fatores nacionais (hiperinflação) e internacionais (tensões militares nas fronteiras, pressões da CIA contra movimentos “comunistas” etc.).

As críticas tecidas por Ortner (1995:377) à “escola de Chicago” de antropologia simbólica, apesar de serem “fogo amigo”, não são menos provocadoras. Para Ortner, essa antropologia padeceria de uma falta de sociologia sistemática, de uma noção tênue das dimensões políticas da cultura, e de uma falta de curiosidade no que diz respeito à produção e manutenção de sistemas simbólicos. São falhas que, ironicamente, parecem se acentuar na obra de Geertz à medida que ele avançou no seu projeto particular. Se atentarmos para os capítulos mais antigos do TIC – dos quais muitos ficaram fora da edição em português – encontraremos análises que insistem na importância de “tratar processos culturais e sociológicos em pé de igualdade” (Geertz 1973: 143), na relevância de elementos extra-locais na formação dos novos Estados nacionais, numa atenção maior a questões de “mudança social”, e na contextualização histórica mais sistemática dos diversos estudos de caso apresentados em Java e Bali. Por que foram descartados justamente esses capítulos? Por um lado, Geertz sem dúvida estava pronto para virar a página, deixando para trás a fase de sua carreira em que, como membro *junior* de uma equipe, reproduzia uma linha de análise formulada por outros, em particular, Parsons. Por outro, foi sua “virada interpretativa” (em “Uma descrição densa” e em “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”, este publicado e republicado em incontáveis coletâneas) que mais parecia excitar seus contemporâneos. Era devido à sua proposta metodológica hermenêutica-interpretativa que Geertz era visto – e se via – como mais original.

Chego agora, depois desse esforço de fazer uma resenha distanciada de uma obra monumental, à confissão: adoro Geertz. Numa relação “Nunca te vi, sempre te amei”,

ainda fico arrepiada quando leio alguns trechos de seus artigos. Quanto mais hermético, mais seu texto me atrai. A primeira leitura de “Anti anti-relativismo”, por exemplo, é semelhante ao ato de resolver um sudoku: muito trabalho, mas ao chegar ao fim, conseguindo dar algum sentido àquilo, sentimos uma satisfação que vicia. Com seu estilo sardônico, Geertz cria um personagem – ele mesmo – que se torna amigo pessoal do leitor (pelo menos, desta leitora). Por outro lado, esse tom de como estivesse fofocando conosco numa mesa de bar também ajuda na “redução” desse autor “a uma justa dimensão”. Ele exagera, joga verde para colher maduro e, antes de tudo, tem prazer em provocar. É uma atitude coerente com seu recado de que o material etnográfico é “essencialmente contestável”:

A antropologia, ou pelo menos a antropologia interpretativa, é uma ciência cujo progresso é marcado menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento de debate. O que [melhora] é a precisão com que nos irritamos uns aos outros. (Geertz 1989: 39)

Tal como em *Works and lives*, onde aprendemos a ver nossos antepassados como pessoas de carne e osso, sujeitos simpáticos mas falhos, aprendemos com as descrições e auto-descrições de Geertz a reconhecer o gênio desse antropólogo e de outros, não como última palavra, mas como uma voz importante num campo rico e heterogêneo de idéias. Dessa forma, avançamos, tal como ele nos ensinou, menos nos ombros dos grandes pensadores do que correndo lado a lado: desafiados e desafiando.

Referências bibliográficas:

- EVANS-PRITCHARD, E. E. Social anthropology: past and present. In: *Social anthropology and other essays*. New York: The Free Press, 1962.
- GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. This week's citation classic: *The interpretation of cultures*. *Current Contents*, n. 33, 1988.
- _____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HANDLER, Richard. An interview with Clifford Geertz. *Current Anthropology*, v. 32, n. 5, 1991, p. 603-613.
- KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, Clyde. *Culture: a critical review of concepts and definitions*. New York: Random House, 1952.
- KUPER, Adam. *Culture: the anthropologists' account*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- ORTNER, Sherry. Theory in anthropology since the sixties. In DIRKS, Nicholas B.; ELEY, Geoff; ORTNER, Sherry B. (Org.). *Culture, power, history*. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- _____. Introduction. In *The fate of "culture": Geertz and beyond*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- PEIRANO, Mariza. Só para iniciados. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 1990, p. 93-102.

SIGAUD, Lygia. Doxa e crença entre os antropólogos. *Novos estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 77, 2007, p. 129-152.

SWIDLER, Ann. Geertz's ambiguous legacy: review of *The interpretation of Cultures* by Clifford Geertz. *Contemporary Sociology*, v. 25, n. 3, May 1996, p. 299-302.